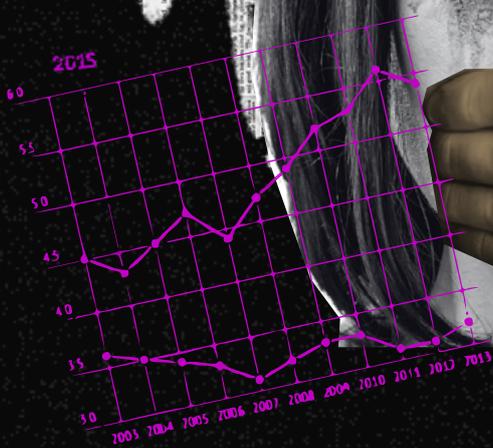




INSTITUTO IGARAPÉ
a think and do tank

MÉXICO



**RETRATO DA VIOLÊNCIA
CONTRA MULHERES NO
MÉXICO NOS ÚLTIMOS
CINCO ANOS:** coexistência de
fenômenos de múltiplas violências

Sumário

Sumário Executivo	3
Introdução	4
Metodologia	4
1. A violência sai às ruas, mas também permanece dentro de casa: um retrato dos assassinatos de mulheres nos últimos cinco anos	5
2. O agravamento da violência de gênero não letal: retrato da violência contra mulheres e meninas nos últimos cinco anos	11
2.1. <i>Violência Física</i>	12
2.2. <i>Violência Sexual</i>	13
2.3. <i>Violência Patrimonial</i>	14
2.4. <i>Violência Psicológica</i>	15
2.5. <i>A subnotificação da violência contra mulheres durante a pandemia da Covid-19</i>	16
Considerações finais	18
Notas de fim	19

Sumário

Executivo

Este relatório examina o cenário de violência contra mulheres no México ao longo dos últimos cinco anos. Foram utilizados dados provenientes da plataforma Evidências sobre Violências e Alternativas para mulheres e meninas - EVA, que agrega registros dos sistemas oficiais de saúde e dos órgãos de segurança pública do país. Nos últimos cinco anos, o México observou um aumento em 14% da taxa de homicídio doloso contra mulheres. Também se constatou que o aumento dos homicídios foi mais acentuado quando envolveu o uso de armas de fogo (+31%) e ocorreu fora da casa da vítima (+19%).

O México conta com algumas das cidades mais violentas do mundo¹, resultado das disputas entre cartéis e da guerra que o Estado promove contra o narcotráfico. Em 2022, por exemplo, quatro das dez cidades com as maiores taxas de homicídios do mundo eram mexicanas: Cajeme, Tijuana, Celaya e Uruapan. Nessas mesmas cidades, a situação enfrentada pelas mulheres é alarmante: as taxas de homicídios de mulheres aumentaram entre 60% e 525% nos últimos cinco anos.

Além de enfrentar um cenário em que a violência letal contra as mulheres cresceu, nos últimos cinco anos ocorreu um aumento significativo nas incidências de violência sexual (+65%) e física (+23%). É importante destacar o aumento de incidência da violência sexual em meninas de 0 a 14 anos.

É fundamental analisar um aspecto nos dados sobre violência contra mulheres no México nos últimos cinco anos: em 2020, ano mais crítico da pandemia da Covid-19, todas as taxas de violência não letal contra mulheres apresentaram uma queda. Esse declínio provavelmente está associado à subnotificação e à diminuição das denúncias nesse período.

O artigo mostra a tendência de adição de uma camada de violência na vida das mulheres. Ao mesmo tempo em que foi identificado um crescimento dos números de assassinatos de mulheres ocorridos fora de casa e cometidos com armas de fogo, aproximando-se do fenômeno de violência urbana comumente entendida como violência 'masculina', observa-se também um crescimento nas formas de violência de gênero, incluindo violência física, sexual e doméstica, nos últimos cinco anos.

Introdução

O indicador mais utilizado para medir violência no mundo, a taxa de homicídio, esconde uma realidade brutal da experiência de vida das mulheres: elas são as principais vítimas de todos os tipos de violência, exceto homicídios.

Os tipos de violência aos quais as mulheres são submetidas em maiores proporções que os homens costumam ser considerados de “menor gravidade”, por não resultarem em morte. Contudo, os assassinatos de mulheres muitas vezes representam a fase final de uma sucessão de agressões.² As pesquisas sobre violência contra as mulheres costumam se deparar com a subnotificação dos casos, a inconsistência dos registros e a falta de padronização e confiabilidade das fontes de dados. Dessa forma, a desproporcionalidade de vitimização do público feminino em todas as outras formas de violência, exceto a letal, acaba não recebendo a atenção necessária na formulação de políticas públicas e nos debates sobre o tema.

Nesse sentido, a plataforma EVA e as produções que dela derivam buscam contribuir com a sistematização e análise de dados para mapear e entender os padrões das violências contra mulheres, oferecendo subsídios para planejar políticas baseadas em evidências que sejam capazes de reverter o quadro.

Este relatório faz parte dessa contribuição e apresenta o cenário da violência contra mulheres nos últimos cinco anos no México. A análise tem como base a plataforma EVA, desenvolvida pelo Instituto Igarapé com o apoio da Uber.

Metodologia

Para a sistematização dos dados referentes à violência contra mulheres ao longo dos últimos cinco anos, este relatório utilizou os dados disponíveis na plataforma EVA, que consolida os registros dos sistemas oficiais de saúde e dos órgãos de segurança pública de três países: Brasil, Colômbia e México.³

Os números que embasam as discussões presentes neste relatório foram extraídos de duas bases de dados do sistema de saúde mexicano,⁴ uma referente à violência letal,⁵ com informações disponíveis até 2021, e outra relativa à violência não letal,⁶ com informações até 2022; e de uma base de dados do sistema de segurança pública,⁷ que conta com informações até o ano de 2022.

Figura 1. Bases de dados por período

Base sistema de Saúde

Letal → 2017 - 2021
Não Letal → 2018 - 2022

Base Segurança Pública

Letal e Não Letal → 2018 - 2022

Fontes: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelos sistemas de saúde do México para homicídios (Secretaría de Saúde, Dirección Geral de Informação em Saúde - Mortes, de acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde CID 10, X85-Y09 – Agressão e Y35-Y36 - Intervenções legais e operações de guerra) e violências não letais (Secretaría de Saúde, Dirección Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência); e pelo sistema de segurança (Incidência criminal, Secretariado Ejecutivo do Sistema Nacional de Segurança Pública).

Existem alguns desafios associados ao trabalho com ambas as bases de dados. Na base de segurança, faltam dados sobre violência psicológica, econômica e moral. Além disso, dados detalhados sobre sexo e idade estão disponíveis apenas no âmbito estadual e para uma gama muito pequena de crimes, incluindo homicídio, feminicídio, lesões e rapto. Já nos bancos de dados de saúde, não há inclusão da variável raça.

A seguir, apresentamos uma análise da situação da violência tanto letal quanto não letal, contra mulheres e meninas no México, a partir dos dados coletados pela plataforma EVA ao longo dos últimos cinco anos.

1. A violência sai às ruas, mas também permanece dentro de casa: um retrato dos assassinatos de mulheres nos últimos cinco anos

O México possui algumas das cidades mais violentas do mundo, com números alarmantes de homicídios. Em 2022, por exemplo, quatro das 10 cidades com as mais altas taxas de homicídios do mundo eram mexicanas: Cajeme (taxa de 104,4/100 mil habitantes), Tijuana (taxa de 98,9/100 mil habitantes), Celaya (taxa de 83,4/100 mil habitantes) e Uruapan (taxa de 70,3/100 mil habitantes).⁸ Segundo dados do Monitor de Homicídios, do Instituto Igarapé, a cada ano, nos últimos cinco anos, ao menos duas cidades mexicanas figuraram entre as dez mais violentas do mundo.⁹

Estudos¹⁰ mostram que as taxas de homicídios no México permaneceram relativamente estáveis, chegando inclusive a apresentar decréscimos, até 2007. Contudo, com a implementação de estratégias de segurança, incluindo a militarização das ruas, as taxas de homicídios no país aumentaram consideravelmente entre 2007 e 2011, passando de 8,1 para 23,6 vítimas por 100 mil habitantes, um aumento de quase três vezes.

Parte dessa violência decorre do contexto mais amplo enfrentado pelo país. O México abriga alguns dos maiores cartéis de drogas do mundo. Desde a declaração da guerra às drogas em 2006¹¹ e sua consequente militarização, várias regiões do país se encontram em constante conflito armado, seja devido a disputas entre cartéis ou como resultado da guerra que o Estado trava contra o narcotráfico. A violência está concentrada em cidades e estados específicos,¹² justamente naqueles onde as disputas são mais intensas.

Os estados destacados no mapa a seguir, divulgado pelo Jornal O Globo, correspondem a áreas de conflito devido a disputas pelo controle territorial dos maiores cartéis de drogas do país. Sonora e Baixa Califórnia, estados onde ficam as cidades de Cajeme e Tijuana, por exemplo, encontram-se em meio à disputa entre o Cartel Jalisco Nova Geração e o Cartel Sinaloa. Chihuahua, estado onde está localizada a Cidade de Juárez, sofre com os embates entre o Cartel Sinaloa e o Cartel Juárez. Já Guanajuato e Michoacán, estados onde ficam as cidades de Celaya, León e Zamora, são palco de conflitos entre o Cartel Jalisco Nova Geração e grupos locais.

Figura 2. Áreas de conflito entre os principais cartéis mexicanos em 2023



Fonte: Jornal O Globo (2023). [Expansão do narcotráfico no México transforma cartéis em quinto maior empregador do país, diz estudo.](#)

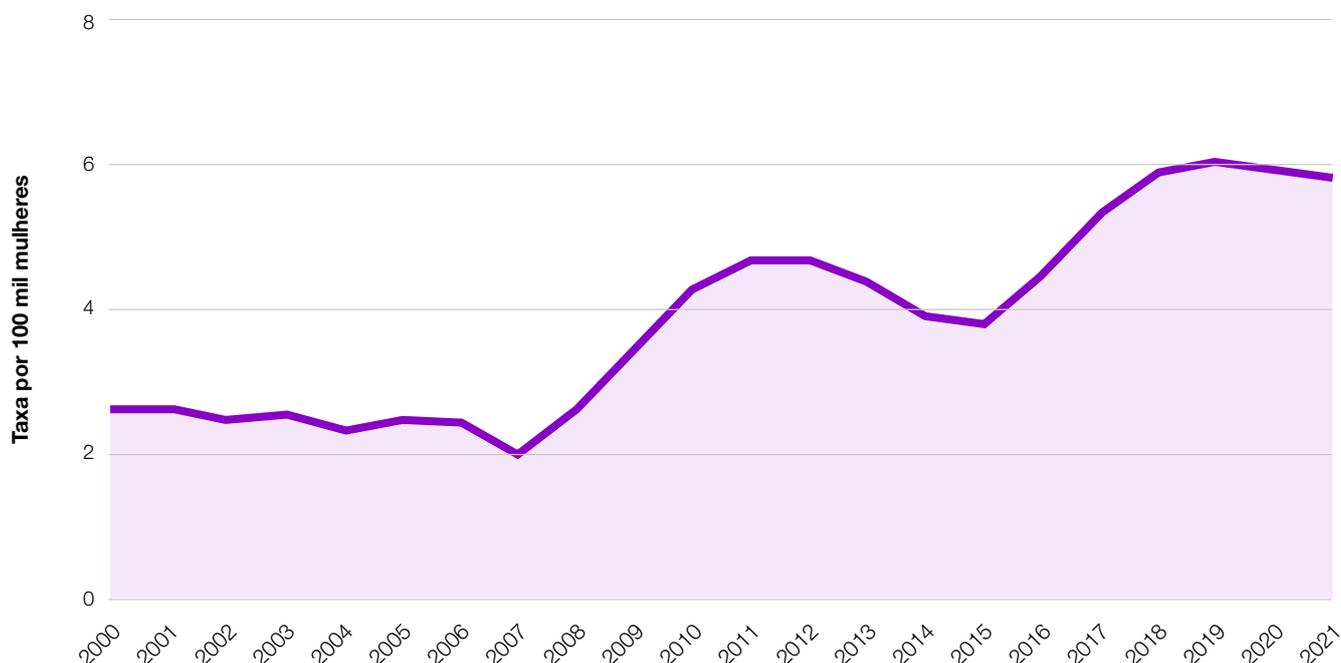
Os casos de homicídios de mulheres têm apresentado, igualmente, uma tendência de crescimento ao longo dos anos. Todas as cidades citadas anteriormente, que estão localizadas em estados estratégicos na disputa do narcotráfico – Tijuana, Cajeme, Celaya, Cidade Juárez, León e Zamora – também tiveram aumentos significativos nas taxas de homicídios de mulheres nos últimos cinco anos. Esses aumentos variaram de 60% a 525%, conforme o mapa a seguir:

Figura 3. Cidades que se destacam com aumento na taxa de homicídios de mulheres (2017-2021)

Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Mortes).

Segundo os dados do sistema de saúde, nos últimos 20 anos, o México observou um crescimento de 200% nos assassinatos de mulheres no país. Entre os anos 2000 e 2008, a taxa média de homicídios de mulheres era de 2,43 para cada 100 mil mulheres. Em 2010, essa taxa aumentou para 4,22 e se manteve nesse patamar até 2017. Nesse ano, a taxa alcançou, pela primeira vez, a marca de 5,31 vítimas mulheres por 100 mil mulheres.

Figura 4. Taxa de homicídios de mulheres no México (2000-2021)



Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Mortes).

Nos últimos cinco anos, de 2017 a 2021, a taxa de homicídio de mulheres no México aumentou 14%, de acordo com os dados do sistema de saúde. Essa taxa passou de 5,31 por 100 mil mulheres em 2017 para 5,80 por 100 mil mulheres em 2021. Em números absolutos, isso significa que, em 2021, foram registrados 3.821 homicídios de mulheres no México, o que representa mais de 10 assassinatos de mulheres por dia. Para se ter uma comparação, países da América Latina, como Argentina, Bolívia, Chile e Peru¹³ têm taxas totais de homicídios consideravelmente menores do que a taxa de homicídios de mulheres no México.



3.821
homicídios de mulheres
no México em 2021



+ de 10 assassinatos
de mulheres por dia



Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Mortes).

Paralelamente ao acentuado crescimento de assassinatos de mulheres no país, também houve uma elevação nos homicídios de mulheres ocorridos fora do ambiente doméstico. Nos últimos cinco anos, esse aumento foi de 19%. No entanto, essa parece ser uma tendência que começou no início do século XXI. Nos últimos vinte anos, houve um aumento de cerca de 256% dos assassinatos de mulheres ocorridos fora de casa, enquanto os homicídios dentro de casa cresceram 105%.

Figura 5. Aumento percentual dos homicídios de mulheres em 20 anos (2002-2021)

Em casa	Fora de casa
105%	256%

Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Mortes).

Nos estados onde estão situadas as cidades de Tijuana, Cajeme, Celaya, Cidade Juárez, León e Zamora, também observou-se um aumento dos homicídios cometidos fora do ambiente doméstico. Em estados como Baja Califórnia,¹⁴ por exemplo, onde fica a cidade de Tijuana, a proporção de homicídios cometidos fora de casa aumentou de 79% em 2017 para 92% em 2021, o que representou um crescimento de aproximadamente 92% em números absolutos. Por outro lado, os homicídios cometidos dentro de casa nesse estado tiveram uma diminuição de cerca de 36% em termos absolutos. Em Sonora,¹⁵ onde fica o município de Cajeme, a proporção de homicídios cometidos fora de casa passou de 63% em 2017 para 70% em 2021, o que corresponde a um aumento de cerca de 164% em números absolutos. Este aumento foi superior ao dos homicídios ocorridos dentro de casa, que cresceram cerca de 95% em números absolutos.

Figuras 6 e 7. Percentual de homicídios de mulheres cometidos dentro e fora de casa por estado (2017-2021)

Percentual de homicídios de mulheres cometidos dentro e fora de casa - Baja Califórnia

	Em casa	Fora de casa
2017	21%	79%
2021	8%	92%

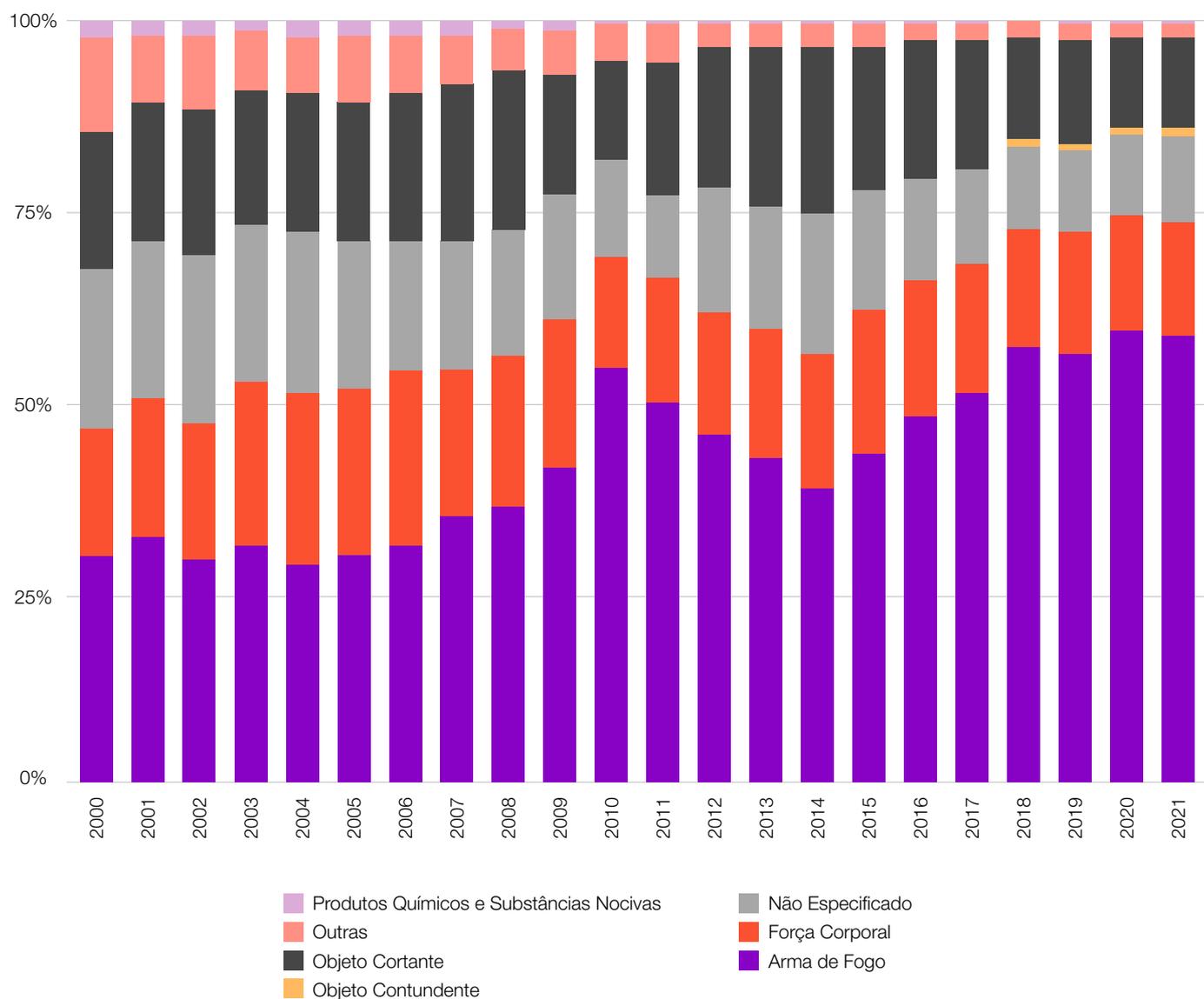
Percentual de homicídios de mulheres cometidos dentro e fora de casa - Sonora

	Em casa	Fora de casa
2017	37%	63%
2021	30%	70%

Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Mortes)

Além disso, um padrão de crescimento no uso de armas de fogo em homicídios de mulheres se destaca ao longo dos últimos 20 anos, atingindo mais da metade dos casos registrados nos últimos cinco anos. Nos anos 2000, armas de fogo eram utilizadas em cerca de 30% dos casos, mas essa percentagem aumentou para 59% em 2021.

Figura 8. Tipos de armas utilizadas em homicídios de mulheres (2000-2021)



Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretaría de Saúde, Dirección Geral de Informação em Saúde - Mortes).

Após uma breve queda entre 2010 e 2014, a incidência do uso de armas de fogo em homicídios de mulheres voltou a crescer, passando de 51% em 2017 para 59% em 2021.

Segundo dados da base de segurança, as armas de fogo aumentaram sua participação nos casos de feminicídio,¹⁶ passando de 14% em 2015 para 25% dos casos em 2022.¹⁷

Esses dados corroboram o que foi evidenciado em outras pesquisas,¹⁸ indicando um aumento nos assassinatos de mulheres ocorridos fora de casa e com o uso de arma de fogo. Este cenário sugere que a violência contra mulheres, pode estar se aproximando dos padrões de violência urbana mais abrangentes. Estudos¹⁹ indicam a coexistência de dois fenômenos relacionados aos assassinatos de mulheres no México: a violência armada em locais públicos, inserida em um contexto mais amplo de insegurança e militarização, e a violência doméstica, que continua a ocorrer em ambientes privados.

Outros dados que corroboram a coexistência desses dois tipos de violência mostram que as mulheres ainda sofrem mais do que os homens com a violência cometida com uso de força corporal e dentro de suas próprias residências. Nos últimos cinco anos, cerca de 16% dos assassinatos de mulheres envolveram o uso de força corporal, ao passo que para os homens esse número foi de 6%. **Durante o mesmo período, aproximadamente 1/4 das mulheres foram mortas dentro de suas casas, em comparação com apenas 11% dos homens.**

O que esses dados apontam é que, nos últimos anos, houve uma adição de camadas de violências contra as mulheres. Elas passaram a enfrentar também, e com maior constância, formas de violência urbana tradicionalmente associadas à violência “masculina”, enquanto continuam sendo as mais afetadas no ambiente doméstico, tanto pelo uso de força corporal quanto por formas de violência não letais, tema que será abordado na próxima seção.

2. O agravamento da violência de gênero não letal: retrato da violência contra mulheres e meninas nos últimos cinco anos

A literatura mostra que os assassinatos de mulheres frequentemente representam o estágio final de uma série de agressões,²⁰ incluindo manifestações não letais de violência física, sexual, psicológica e patrimonial. Nesse sentido, para a formulação de políticas públicas realmente eficazes na prevenção e no combate à violência contra a mulher, é fundamental considerar todas as formas de violência enfrentadas por este grupo populacional específico.

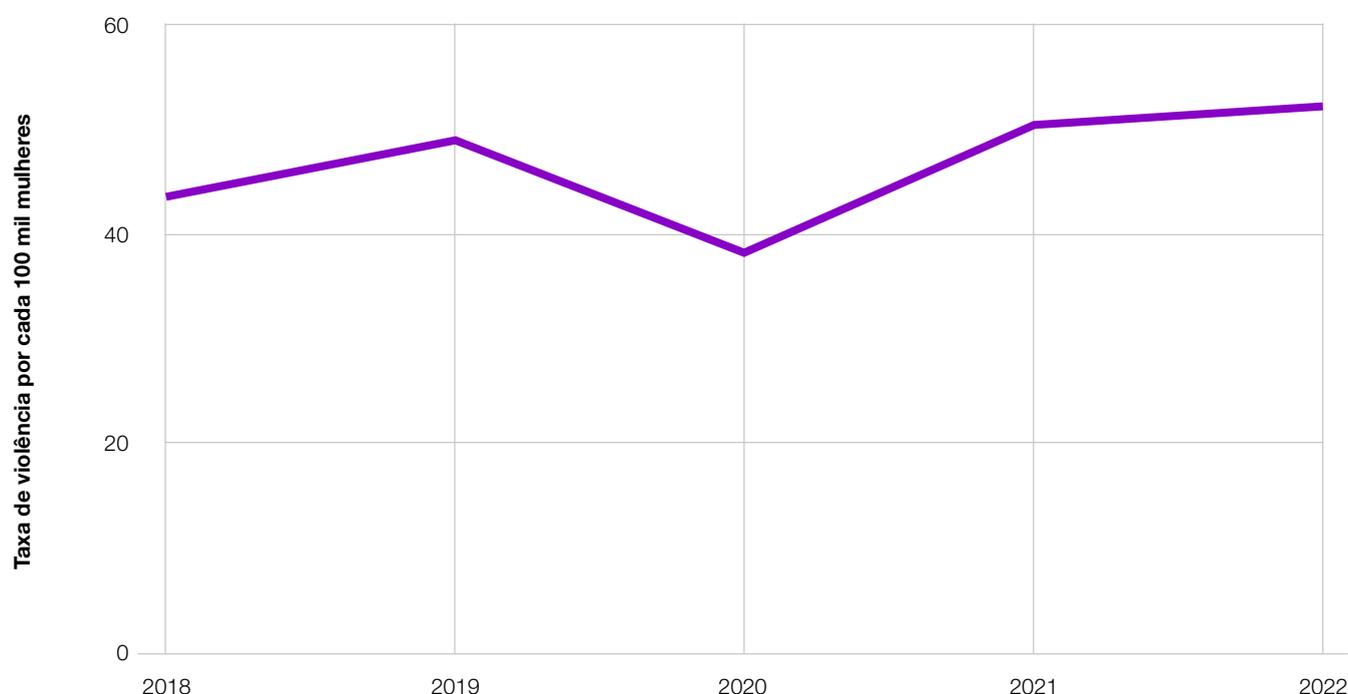
O objetivo desta seção é apresentar dados referentes à violência não letal contra mulheres e meninas no México, no período de 2018 a 2022. Os dados são classificados em: violência física, patrimonial, psicológica e sexual, conforme o conceito estabelecido em 2007 pela Lei Geral de Acesso das Mulheres a uma Vida Livre de Violência²¹.

2.1. Violência Física

A violência física pode ser definida como “qualquer ato que cause dano não acidental, usando força física ou algum tipo de arma ou objeto que possa ou não causar ferimentos internos, externos ou ambos”.²²

Os casos de violência física no México atingiram seu pico em 2017, com uma taxa de 61,4 casos registrados por 100 mil mulheres, seguida de uma queda em 2018 para uma taxa de 44,0. Nos últimos cinco anos, houve um aumento de cerca de 23% nos casos registrados, fazendo com que, em 2022, os casos registrados retornassem ao patamar de 2015 e 2016, situando-se na faixa de 50 casos por 100 mil mulheres.

Figura 9. Taxa por 100 mil mulheres de violência física contra mulher no México (2018-2022)



Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência).

Em 2022, foram registrados 34.772 casos de violência física contra mulheres, o que representa uma média de 4 mulheres violentadas fisicamente por hora no país.



34.772
casos de violência física contra mulheres em 2022



Uma média de **4 mulheres violentadas fisicamente por hora**



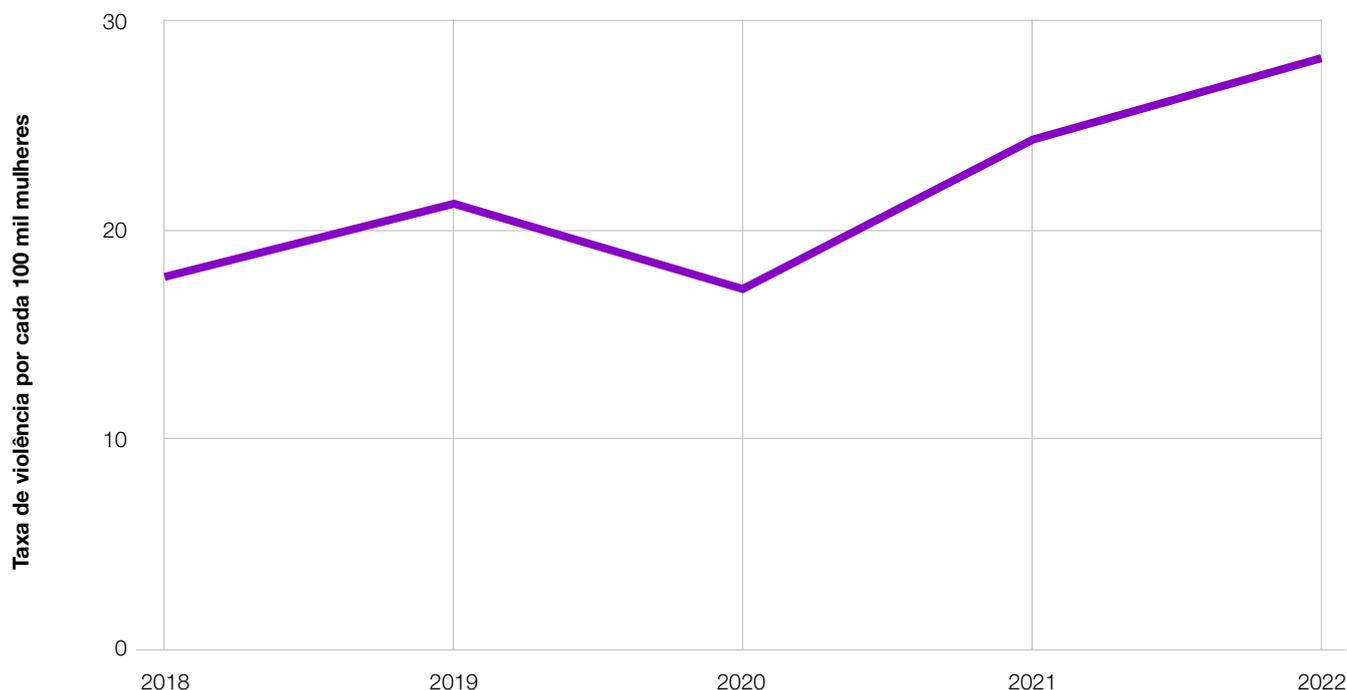
Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência).

2.2. Violência Sexual

A violência sexual é definida como “qualquer ato que degrade ou cause dano ao corpo e/ou a sexualidade da vítima e que, portanto, viole sua liberdade, dignidade e integridade física”²³.

Nos últimos 10 anos, as taxas de violência sexual mais do que triplicaram: em 2013, a taxa era de 8,4 por 100 mil mulheres, e em 2022, essa taxa saltou para 28,2. Somente nos últimos cinco anos, houve um aumento de 65% nos casos registrados.

Figura 10. Taxa por 100 mil mulheres de violência sexual contra mulher no México (2018-2022)



Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretaría de Saúde, Dirección Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência).

Em 2022, foram registrado 18.733 casos de violência sexual contra mulheres, o que representa mais de 50 mulheres sendo violentadas sexualmente por dia no México.



18.733
casos de violência
sexual contra mulheres
em 2022

=

Mais de **50 mulheres**
sendo violentadas por dia



Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretaría de Saúde, Dirección Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência).

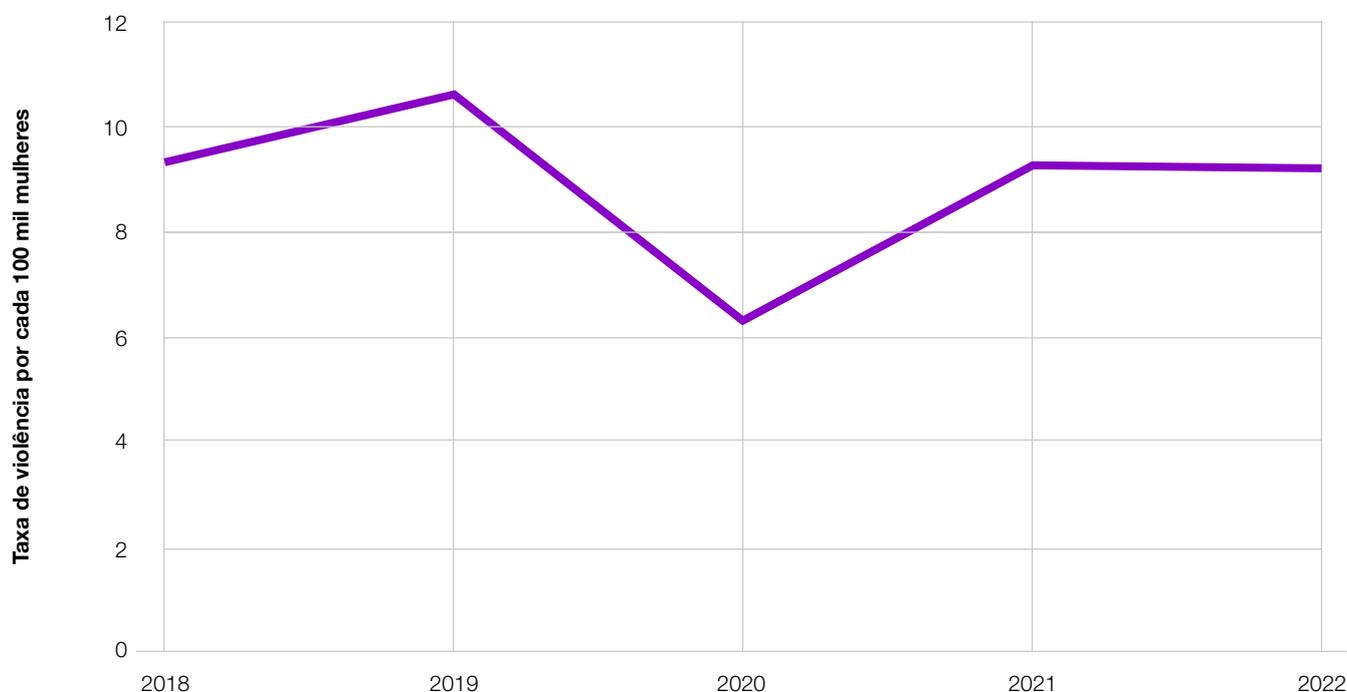
Destaca-se o aumento percentual de meninas, com idades entre 0 a 14 anos, nesse tipo de crime: em 2018, elas representavam 17% do total de casos de violência sexual contra mulheres, e essa proporção aumentou para 26% em 2022.

2.3. Violência Patrimonial

A violência patrimonial é definida como “qualquer ato ou omissão que afete a sobrevivência da vítima, manifestando-se em: transformação, subtração, destruição, retenção ou distração de objetos, documentos pessoais, bens e valores, direitos de propriedade ou recursos econômicos destinados a satisfazer suas necessidades e pode incluir danos aos bens comuns ou pessoais da vítima”.²⁴

Entre 2018 e 2019, a taxa de casos registrados de violência patrimonial contra mulheres subiu de 9,4 para 10,6 por 100 mil mulheres. Em 2020, ano mais crítico da pandemia de Covid-19, observou-se uma queda nessa taxa, que volta a subir nos anos subsequentes, mas ainda não retorna aos parâmetros anteriores.

Figura 11. Taxa por 100 mil mulheres de violência patrimonial contra mulher no México (2018-2022)



Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência).

Mesmo sendo proibida, essa conduta é constantemente negligenciada pelos órgãos competentes e raramente denunciada pelas vítimas. Isso ocorre devido à dificuldade em obter provas e à naturalização patriarcal desse tipo de violência.²⁵

2.4. Violência Psicológica

A violência psicológica é definida como “qualquer ato ou omissão que prejudique a estabilidade psicológica, podendo ser: negligência, abandono, negligência repetida, ciúmes, insultos, humilhações, desvalorização, marginalização, indiferença, infidelidade, comparações destrutivas, rejeição, restrição a autodeterminação e ameaças que levam a vítima à depressão, isolamento, desvalorização de sua autoestima e até suicídio”.²⁶

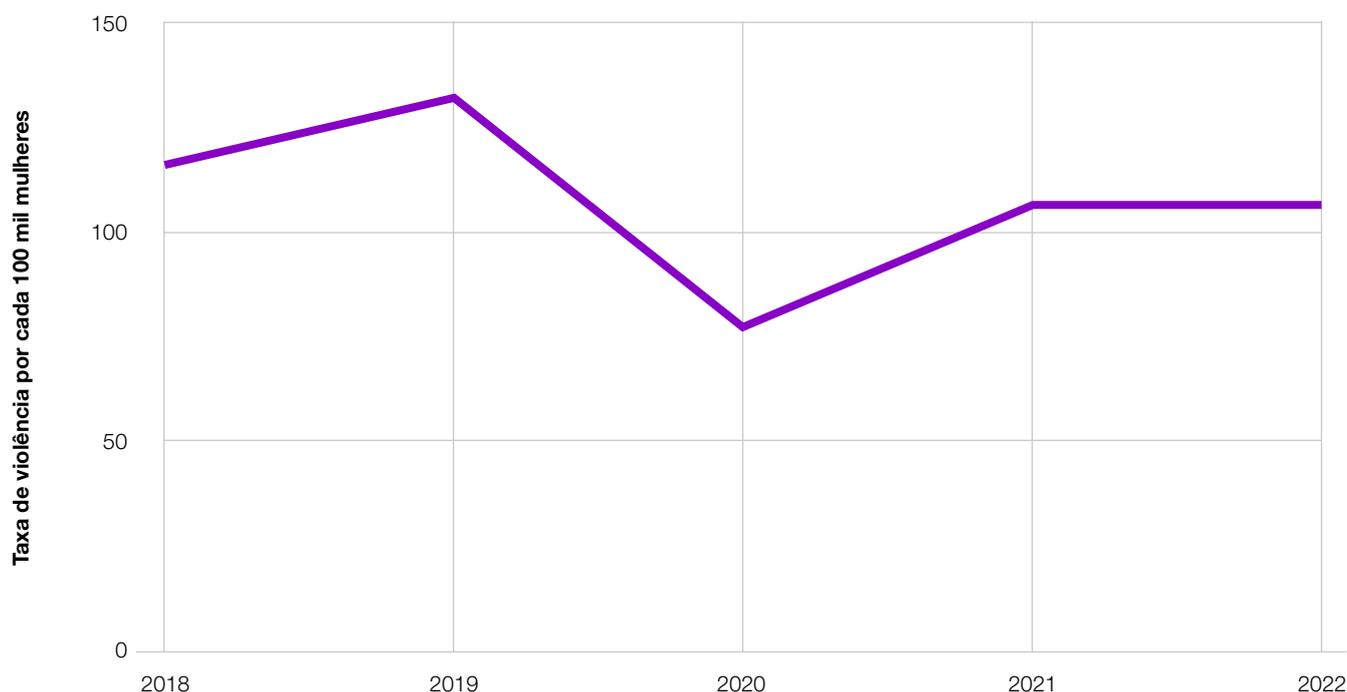
Dentre todos os tipos de violência registrados pelos órgãos de saúde do México, a violência psicológica é a mais prevalente, representando cerca de 58% de todos os casos de violência contra mulheres registrados no país ao longo dos últimos cinco anos. Contudo, os dados revelam uma queda na participação desse tipo de ocorrência em relação ao total nos últimos anos, enquanto se observa um aumento na participação das violências física e sexual. Nos últimos cinco anos, a participação da violência psicológica apresentou uma diminuição de cerca de 8%, enquanto a violência sexual teve um aumento de 5%, a violência física de 3% e a violência patrimonial permaneceu estável.

Figura 12. Participação de cada violência contra mulheres no México sob o total registrado (2018-2022)

Ano	Violência Física	Violência Patrimonial	Violência Psicológica	Violência Sexual	Total
2018	28.162 (24%)	6.001 (5%)	74.168 (62%)	11.363 (9%)	119.694 (100%)
2019	31.860 (23%)	6.845 (5%)	84.885 (62%)	13.747 (10%)	137.337 (100%)
2020	25.080 (28%)	4.100 (5%)	50.650 (56%)	11.259 (12%)	91.089 (100%)
2021	33.386 (27%)	6.104 (5%)	70.147 (56%)	15.989 (13%)	125.626 (100%)
2022	34.772 (27%)	6.123 (5%)	70.532 (54%)	18.733 (14%)	130.160 (100%)

Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência).

De 2018 para 2019, os registros de casos de violência psicológica aumentaram cerca de 15%. No entanto, em 2020, ano em que ocorreu o confinamento devido à pandemia de Covid-19, houve uma queda drástica nesses números, passando de 131,4 casos por 100 mil mulheres em 2019 para 77,7 em 2020. Mesmo com a abertura parcial do confinamento em 2021, os números não voltaram aos patamares registrados anteriormente.

Figura 13. Taxa por 100 mil mulheres de violência psicológica contra mulher no México (2018-2022)

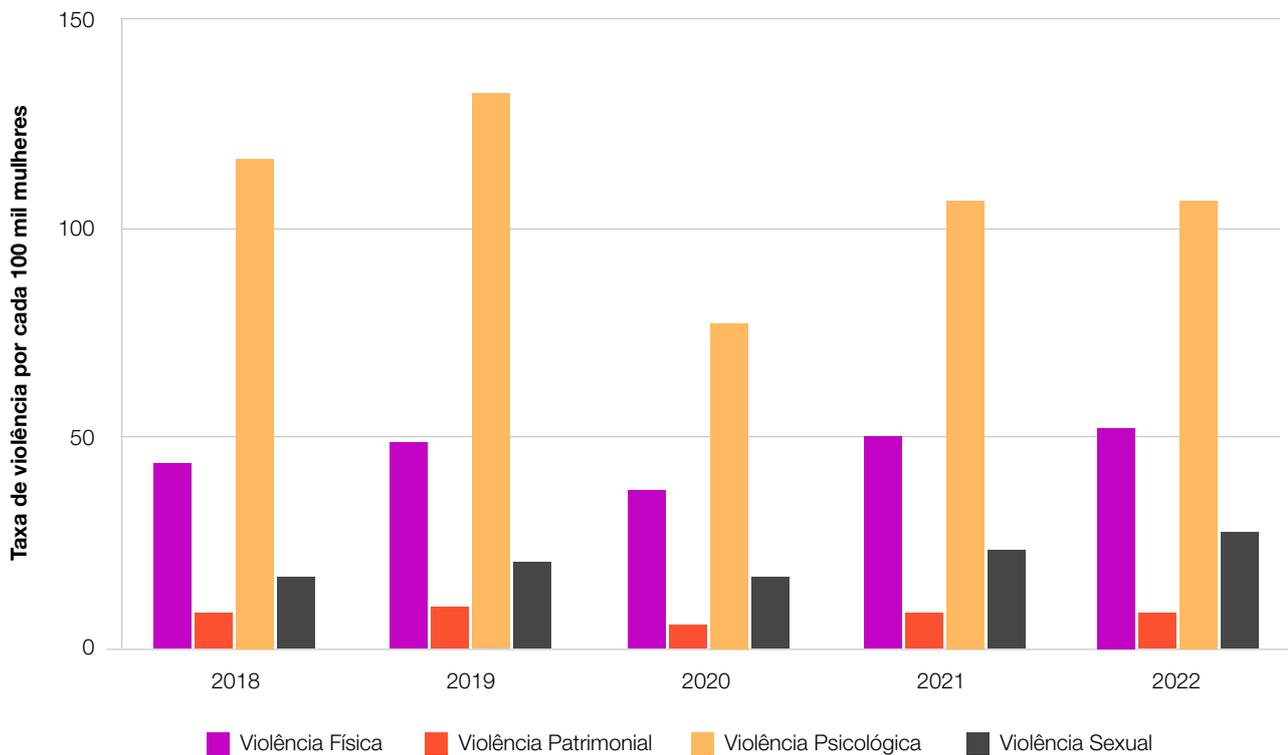
Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretaría de Saúde, Dirección General de Información en Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência).

Na seção seguinte, abordaremos alguns dos impactos da pandemia de Covid-19 nos casos e registros de violência contra mulheres no México.

2.5. A subnotificação da violência contra mulheres durante a pandemia da Covid-19

Os últimos cinco anos mostram uma flutuação nas taxas de violência não letal contra a mulher. Entre 2018 e 2019, os registros de ocorrências de todas as formas de violência contra mulher aumentaram significativamente, mas sofreram uma queda abrupta em 2020, ano crítico da pandemia da Covid-19. Nos anos de 2021 e 2022, mesmo que tenham voltado a crescer, os padrões de violência patrimonial e psicológica não retornaram aos níveis de 2019, enquanto para as violências sexual e física, os padrões dos anos subsequentes superaram os dos anos anteriores à pandemia.

A queda nos registros de todos os tipos de violência não letal contra a mulher em 2020 sugere um fenômeno preocupante: a subnotificação dos crimes contra mulheres ao longo da pandemia da Covid-19.²⁷ No ano mais crítico da pandemia, 2020, quando o país enfrentava um período de confinamento,²⁸ todas as taxas de violência não letal contra mulheres tiveram uma queda significativa, mas voltaram a crescer no ano seguinte. Isso indica que não há um cenário claro sobre o comportamento da violência contra a mulher durante a pandemia.

Figura 14. Formas de violência não letal contra mulher (2018-2022)

Fonte: Instituto Igarapé, com base nos dados disponibilizados pelo sistema de saúde do México para violências letais (Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência).

Certamente a pandemia dificultou ainda mais a notificação e denúncia de crimes, especialmente no caso de ocorrências não letais praticadas dentro de casa por companheiros. A constante presença do agressor e as limitações para sair de casa restringiram as oportunidades para que as vítimas pudessem registrar tais ocorrências.

Após 2020, ano em que as medidas mais restritivas para a contenção do alastramento da pandemia da Covid-19 foram implementadas, os registros desses casos de violência voltaram a crescer. Essas ocorrências, de modo geral, já são desafiadoras de serem denunciadas, pois a vítima muitas vezes não reconhece que está em uma situação de violência, ou minimiza a gravidade do ocorrido, optando por não reportar a situação. Será necessário um período de análise para compreender o impacto da pandemia na notificação dos casos de violência contra mulher, considerando não apenas o período da pandemia em si, mas também suas consequências a médio e longo prazos.

Considerações Finais

Os dados apresentados no relatório acendem um alerta, indicando que a situação da violência contra mulheres no México pode ser ainda mais crítica do que os casos oficialmente reportados. As violências identificadas pela literatura com motivação de gênero a que mulheres estão expostas, como a física, a sexual e a doméstica, apresentaram uma tendência de crescimento nos últimos cinco anos no país. Paralelamente, houve também um aumento no número de mulheres assassinadas fora de suas casas, muitas vezes com o uso de armas de fogo.

As evidências apresentadas no presente relatório destacam como a violência armada, que ocorre em um contexto mais amplo de insegurança e militarização no México, tem afetado as dinâmicas de violência que têm mulheres como vítimas. Isso introduz uma nova dimensão à violência contra as mulheres, uma vez que elas também passam a ser mais afetadas pela violência urbana, frequentemente percebida como uma forma de violência 'masculina'.

Além disso, as mulheres continuam sendo as principais vítimas de violência que envolve o uso de força física dentro de suas casas, reforçando a percepção de que a violência está se agravando na vida das mulheres.

A coexistência de diferentes formas de violências é preocupante e exige que as autoridades públicas dediquem atenção ao problema, implementando medidas concretas de prevenção e combate.

Notas de Fim

1. Instituto Igarapé (2023). [Monitor de Homicídios](#).
2. United Nations Office on Drugs and Crime (2015). [Recommendations for action against gender-related killing of women and girls](#).
3. Para obter mais detalhes sobre os dados utilizados na plataforma EVA, visite: https://eva.igarape.org.br/metodologia_eva_pt.pdf
4. O México dispõe de informações em bancos de dados sobre homicídios e lesões registrados no sistema de saúde. Normalmente, as bases de saúde disponibilizam os dados com um ou dois anos de atraso. Portanto, este relatório abrange dados de homicídios de 2017 a 2021 e de violências não letais de 2018 a 2022. Já as informações provenientes do Sistema de Segurança são disponibilizadas pela Secretaria Executiva do Sistema Nacional de Segurança Pública e costumam ser divulgadas com um ano de defasagem. Assim, em relação aos dados provenientes da base de segurança, a análise dos últimos cinco anos engloba o período de 2018 a 2022.
5. Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Mortes. Para baixar os dados abertos, acessar: http://www.dgis.salud.gob.mx/contenidos/basesdedatos/da_defunciones_gobmx.html.
6. Secretária de Saúde, Direção Geral de Informação em Saúde - Banco de dados de lesões e causas da violência. Para baixar os dados abertos, acessar: http://www.dgis.salud.gob.mx/contenidos/basesdedatos/da_lesiones_gobmx.html.
7. Secretariado Executivo do Sistema Nacional de Segurança Pública - Incidência criminal. Para baixar os dados abertos, acessar: <https://www.gob.mx/sesnsp/acciones-y-programas/incidencia-delictiva-299891?state=published>.
8. Instituto Igarapé (2023). [Monitor de Homicídios](#).
9. Segundo dados do Monitor de Homicídios do Instituto Igarapé, em 2022, quatro cidades mexicanas figuraram entre as dez mais violentas do mundo: Cajeme, Tijuana, Celaya e Uruapan. Em 2021, esse número aumenta para cinco (Cajeme, Tijuana, Cidade de Juárez, Celaya e Uruapan); em 2020 quatro cidades mexicanas apareceram na lista (Tijuana, Cidade de Juárez, Celaya e Cajeme); em 2019 duas cidades estavam presentes (Tijuana e Cidade de Juárez); e em 2018 três cidades ganharam destaque (Tijuana, Acapulco e Chilpancingo de los Bravo).
10. Intersecta, Data Cívica, EQUIS Justicia para las Mujeres, Centro de Estudios Ecuménicos (2021). [‘Violencia de género con armas de fuego en México’](#).
11. Garzón-Vergara, Juan Carlos (2016). Instituto Igarapé, junho de 2016. [Notas de Homicídios 3 - Qual é a relação entre o crime organizado e os homicídios na América Latina?](#); Data Cívica, Programa de Derecho a la Salud del Centro de Investigación y Docencia Económicas, Open Society Foundations (2019). [Claves para entender y prevenir los asesinatos de mujeres en México](#).
12. Jornal O Globo (2023). [‘Expansão do narcotráfico no México transforma cartéis em quinto maior empregador do país, diz estudo’](#).
13. Na Argentina, em 2022, foram registrados 1.970 homicídios, uma taxa de 4,2 por 100 mil habitantes. Na Bolívia, em 2021, foram registrados 422 homicídios, uma taxa de 3,5 por 100 mil habitantes. No Chile, em 2022, foram registrados 934 homicídios, uma taxa de 4,7 por 100 mil habitantes. No Peru, em 2021, foram registrados 1.427 homicídios, uma taxa de 4,3 por 100 mil habitantes. Instituto Igarapé (2023). [Monitor de Homicídios](#).
14. Em Baixa Califórnia, em 2017, foram registrados 42 homicídios dentro de casa e 157 fora, ao passo que em 2021 foram registrados 27 homicídios dentro de casa e 302 fora.
15. Em Sonora, em 2017, foram registrados 23 homicídios dentro de casa e 39 fora de casa, ao passo que em 2021 foram registrados 45 homicídios dentro de casa e 103 fora de casa.
16. Os dados sobre feminicídio começaram a ser disponibilizados apenas a partir de 2015, tendo em vista que esse crime só foi oficialmente tipificado no país em 2012. Entre os três países analisados na plataforma EVA (Brasil, Colômbia e México), o México foi pioneiro na tipificação desse delito. Os outros dois países só vieram a tipificar o crime de feminicídio em 2015. Giannini, R. A. e Coelho, T. H. (2020). Instituto Igarapé, Artigo Estratégico 45: [Evidências sobre violência contra mulheres no Brasil, na Colômbia e no México: tendências, desafios e caminhos para o futuro](#).
17. Conforme dados fornecidos pelo sistema de saúde mexicano, em 2015, a taxa de feminicídio no país era de 0,7 por 100 mil mulheres. Até 2019, esse número mais do que dobrou, alcançando uma taxa de 1,5 por 100 mil mulheres, e tem se mantido estável nesse patamar desde então.
18. Data Cívica, Programa de Derecho a la Salud del Centro de Investigación y Docencia Económicas, Open Society Foundations (2019). [Claves para entender y prevenir los asesinatos de mujeres en México](#); Intersecta, Data Cívica, EQUIS Justicia para las Mujeres, Centro de Estudios Ecuménicos (2021). [‘Violencia de género con armas de fuego en México’](#).
19. Ibid.
20. United Nations Office on Drugs and Crime (2015). [Recommendations for action against gender-related killing of women and girls](#).

21. Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión (2023). [Ley General de Acceso de las Mujeres a Una Vida Libre de Violencia](#).
22. Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión (2023). [Ley General de Acceso de las Mujeres a Una Vida Libre de Violencia, art. 6º](#), inciso II.
23. Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión (2023). [Ley General de Acceso de las Mujeres a Una Vida Libre de Violencia, art. 6º](#), inciso V.
24. Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión (2023). [Ley General de Acceso de las Mujeres a Una Vida Libre de Violencia, art. 6º](#), inciso III.
25. Giannini, R. A. e Coelho, T. H. (2020). Instituto Igarapé, Artigo Estratégico 45: [Evidências sobre violência contra mulheres no Brasil, na Colômbia e no México: tendências, desafios e caminhos para o futuro](#).
26. Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión (2023). [Ley General de Acceso de las Mujeres a Una Vida Libre de Violencia, art. 6º](#), inciso I.
27. O Instituto Igarapé já explorou esse fenômeno em um estudo baseado em dados da plataforma EVA sobre o Brasil, no Artigo Estratégico 51: ['Violência contra mulheres: como a pandemia calou um fenômeno já silencioso'](#). Nesse estudo, as autoras destacam como a violência contra mulheres, tradicionalmente um fenômeno silencioso, ficou ainda mais silenciada durante a pandemia, visto que o isolamento social teve um impacto significativo tanto nos casos de violência contra mulheres quanto nos registros dessas ocorrências.
28. Segundo Laurie Ann Ximénez Fyvie, autora do livro [Un Daño irreparable: la criminal gestión de la pandemia en México](#), foi apenas em 24 de março de 2020, mais de dois meses após os primeiros casos detectados no país, que a fase 2 da gestão da pandemia de Covid-19 foi declarada. Esse período ficou marcado pelo confinamento massivo nacional, conhecido como 'Jornada Nacional de Sana Distancia'.

Ficha Técnica

Pesquisa

Melina Risso
Diretora de Pesquisa

Vivian Calderoni
Coordenadora de Programas e Pesquisa

Marina Alkmim
Pesquisadora

Katherine Aguirre Tobón
Pesquisadora

Carolina Loeb
Estagiária de pesquisa

Edição

Débora Chaves
Editora

Projeto Gráfico

Raphael Durão
Coordenador Criativo

Murilo Xavier Lima
Designer



INSTITUTO IGARAPÉ

a think and do tank

O Instituto Igarapé é um think and do tank independente, que desenvolve pesquisas, soluções e parcerias com o objetivo de impactar tanto políticas como práticas públicas e corporativas na superação dos principais desafios globais. Nossa missão é contribuir para a segurança pública, digital e climática no Brasil e no mundo. O Igarapé é uma instituição sem fins lucrativos e apartidária, com sede no Rio de Janeiro e atuação do nível local ao global.

Apoio:

Uber

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel/Fax: +55 (21) 3496-2114

contato@igarape.org.br

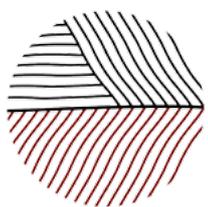
facebook.com/institutoigarape

twitter.com/igarape_org

instagram.com/igarape_org

www.igarape.org.br

www.igarape.org.br



INSTITUTO IGARAPÉ
a think and do tank